

## De canoa ou jangada: Guimarães Rosa e José Saramago na terceira margem

Teresinha Gema Lins Brandão Chaves<sup>1</sup>

RESUMO: Os jogos criativos presentes no conto *A Terceira margem do rio* de Guimarães Rosa e no romance *A jangada de pedra* de José Saramago são analisados, à luz de conceitos da Ecologia Cultural e do que preconiza o crítico brasileiro Benjamin Abdala Júnior, para o comparatismo da solidariedade no âmbito das Literaturas de Língua Portuguesa.

ABSTRACT: This paper will analyze the tale *A Terceira margem do rio* of Guimarães Rosa and the romance *A jangada de pedra* of José Saramago, basing on concepts of cultural ecology and in what lead the Brazilian critic Benjamin Abdala Júnior to the solidarity comparativism within the Portuguese language and literatures.

PALAVRAS-CHAVE: Ecologia cultural; Comparatismo da solidariedade; Guimarães Rosa; Saramago.

KEYWORDS: Cultural Ecology; solidarity comparativism; Guimarães Rosa; Saramago.

Em seu livro *De vôos e ilhas*, Benjamin Abdala Júnior destaca a maneira de ser mestiça, característica dos povos da América Latina, o que lhes confere “um estatuto crioulo — a criouldade —, uma forma plural de nos imaginarmos com repertórios de várias culturas”<sup>2</sup>. E abre perspectivas: “A partir dessa potencialidade subjetiva e objetiva – a possibilidade de nos imaginarmos numa bacia cultural onde a criouldade é essencial – podemos fazer figurar em nossos horizontes

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, FFLCH-USP. Pesquisa: *Corpo de baile* de Guimarães Rosa e diários de viajantes portugueses. E-mail: terechaves@usp.br.

<sup>2</sup> ABDALA JÚNIOR, 2003, P. 66.

uma comunidade cultural ibero-afro-americana”<sup>3</sup>. Segundo o autor, no âmbito da Literatura Comparada essa figuração se materializa no comparatismo da solidariedade, que, no caso do Brasil, se concretiza em laçadas dirigidas à América Latina e aos países de língua portuguesa. Tomado pelo mesmo estímulo, Benjamin preconiza a instituição de uma teoria literária descolonizada, com critérios próprios de valor, envolvendo simetrias socioculturais e conceitos mais amplos que os geográficos<sup>4</sup>.

Valendo-nos de tão nobre pensamento \_ expresso em torno de “gestos do compartilhamento comunitário” \_ objetivamos neste ensaio estabelecer algumas aproximações entre duas obras literárias: o conto *A terceira margem do rio* de Guimarães Rosa e o romance *A jangada de pedra* de José Saramago, levando-se em conta a recorrência a modelos culturais de base ecológica.

Com relação à ecologia cultural, Benjamin Abdala, no ensaio “Algumas observações sobre a comparação entre escritores engajados das literaturas de língua portuguesa”, comenta:

A ecologia cultural resultou da imposição colonial e do escravismo que criou uma situação de fato, que vem sendo historicamente resgatada em favor de um estatuto democrático e humanístico. O processo de aculturação do colonialismo português visava à desculturação dos outros povos. Se Portugal impôs seus padrões, também foi marcado, por sua vez, pelo sistema que estabeleceu, ao voltar-se obsessivamente para o sonho do “ultramar”. Despreendeu-se em parte da Europa e também foi envolvido pela circulação de *patterns* literários que circulavam em língua portuguesa<sup>5</sup>.

Tomando como exemplo o dinâmico traço de união entre Angola e Brasil, historicamente construído a partir de condições “ecológicas” que aproximam os dois países, o autor propõe o alargamento dessa dinâmica para o conjunto dos países de língua oficial portuguesa. Dessa forma, trazemos para nossa discussão Brasil e Portugal, representados

---

<sup>3</sup> Idem.

<sup>4</sup> Idem, p.67.

<sup>5</sup> Idem, p.105.

pelo jogo criativo do deslocamento geográfico da Península Ibérica em *A jangada de pedra*, de José Saramago e do deslocamento paterno em *A terceira margem do rio*, de Guimarães Rosa.

### **A canoa**

O conto *A terceira margem do rio*, de Guimarães Rosa, é a estória do pai que decide, sem dar explicação, afastar-se da família, para viver no rio, numa canoa “especial” encomendada para caber apenas o remador. E se põe entre duas margens, à deriva, sobre as águas de um rio, uma simbólica “terceira margem”, aonde é possível transitar por temporalidades e espaços diversos, desfazendo as conjunturas específicas de identidade e *lôcus* cultural.

Muito já foi dito a respeito desse enigmático texto. O próprio escritor em carta ao seu tradutor francês, Jacques Villard, em outubro de 1963, fala da pluralidade de direções e sentidos que podem ser tomados por “quase que toda palavra do conto”. Tomado de um ângulo que envolve simetrias socioculturais, na “terceira margem”, a nosso ver, em primeiro lugar, renova-se o ciclo da natureza, no qual o homem é um elemento passageiro, conforme anunciado no velho livro *Eclesiastes*:

Uma geração passa, outra vem; mas a terra sempre subsiste. O sol se levanta, o sol se põe; apressa-se a voltar a seu lugar; em seguida, se levanta de novo. O vento vai em direção ao sul, vai em direção ao norte, volta e gira nos mesmos círculos. Todos os rios se dirigem para o mar, e o mar não transborda. Em direção ao mar, para onde correm os rios, eles continuam a correr (...). O que foi é o que será: o que acontece é o que há de acontecer. Nada há de novo debaixo do sol<sup>6</sup>.

Para se tentar compreender outras variantes culturais que atravessam o comportamento do pai, é preciso valer-se de conceitos das Ciências Sociais no que se refere às relações dos homens com a natureza. Segundo Mauro Leonel, autor de trabalhos de antropologia com viés sociológico,

---

<sup>6</sup> Eclesiastes, 1-4:9.

essas relações são indissociáveis das relações que os homens mantêm entre si. Porque não há obstáculo ecológico que não se acompanhe de um obstáculo social, assim como não há força natural que se imponha a um grupo humano fora do quadro de sistemas econômicos, políticos e simbólicos. Os fatos ecológicos são, assim, indissociáveis dos fatos sociais, e são, em última análise, fatos sociológicos. Não há também ação eficaz sobre o ecossistema que não obrigue ao estudo apurado da sociedade que o impregna.<sup>7</sup>.

N`A *terceira margem do rio*, o pai permanecendo “sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais”, provoca uma acirrada disputa entre o ser natural e o ser social. Conforme o narrador:

Nossa mãe muito não se demonstrava. Mandou vir o tio nosso, irmão dela, para auxiliar na fazenda e nos negócios. Mandou vir o mestre, para nós, os meninos. Incubiu ao padre que um dia se revestisse, em praia de margem, para esconjurar e clamar a nosso pai o dever de desistir da tristonha teima. De outra, por arranjo dela, por medo, vieram os soldados. Tudo o que não valeu de nada. Nosso pai passava ao largo, avistado ou diluso, cruzando na canoa, sem deixar ninguém se chegar à pega ou a fala. Mesmo quando foi, não faz muito, dos homens do jornal, que trouxeram a lancha e tencionavam tirar retrato dele, não venceram: nosso pai desaparecia para a outra banda, aproava a canoa no brejão, de léguas, que há, por entre juncos e mato, e só ele conhecesse, a palmos, a escuridão, daquele<sup>8</sup>.

Outro ponto instigante é que a atitude do pai “põe em xeque” a lógica comum, os valores universalizantes e cria uma nova rede de relacionamento com o ambiente. É importante lembrar, aqui, o que afirma Renate Vietler, em seus estudos sobre o ambiente à luz da perspectiva evolucionista do século XX:

Este conceito [o ambiente] é fundamental para o neo-evolucionismo na medida em que realça a necessidade de se estudar as culturas humanas em interação com condições de vida externas à lógica inerente aos sistemas sociais por elas constituídos (...) A continuidade da estrutura social de uma

---

<sup>7</sup> LEONEL, 1998, p. XXVII.

<sup>8</sup> ROSA, 1988, p.34.

sociedade humana depende de condições externas específicas. Tais condições podem persistir por períodos de tempo mais ou menos longos. No caso de deixarem de persistir, as culturas humanas mudam, podendo aumentar ou diminuir a sua complexidade, ou, então, transformarem-se sem que seja alterado o seu grau de sofisticação. As condições externas das culturas humanas, ou ambiente, podem ser subdivididas em *ambiente físico*, ou *habitat*, e *ambiente social*, representado pela presença atual ou influência histórica<sup>9</sup>.

Portanto, no conto de Rosa, o habitat e o ambiente social da família situados na margem, persistem com o tempo, seguindo a lógica comum, segundo a qual "uma geração passa, outra vem". Lá, conforme o narrador, "minha irmã se casou (...) minha irmã teve menino (...) minha irmã se mudou com o marido para longe daqui"<sup>10</sup>. Por seu lado, o ambiente criado pelo pai, sobre uma canoa num rio \_ em condições de vida externas à lógica social construída nas margens \_ não deixa de ser, também, um evento sócio-cultural, embora, para o filho, narrador do conto, intermediador do processo de "tradução/traição" cultural,

severo que era de não se entender, de maneira nenhuma, como ele agüentava. De dia e de noite, com sol ou aguaceiros, calor, sereno, e nas friagens terríveis de meio-do-ano, sem arrumo, só com o chapéu velho na cabeça, por todas as semanas, e meses, e os anos \_ sem fazer conta do se-ir do viver<sup>11</sup>.

Por ferir o sistema social estabelecido na margem, o ambiente do pai é condenável. No entanto, através dele é possível um retorno às raízes, ao passado puro, ao *Homo sapiens*<sup>12</sup>. Conforme o narrador:

Às vezes algum conhecido nosso achava que eu ia ficando mais parecido com nosso pai. Mas eu sabia que ele agora virava cabeludo, barbudo, de unhas grandes, mal e magro, ficado preto de sol e dos pêlos, com aspecto de bicho, conforme quase nu, mesmo dispondo das peças de roupas que a gente de tempos em tempos fornecia<sup>13</sup>.

---

<sup>9</sup> VIERTLER, 1988, p.51-52.

<sup>10</sup> ROSA, 1988, p.35.

<sup>11</sup> ROSA, 1988, p. 34.

<sup>12</sup> Cf. VIERTLER, 1988, p.7.

<sup>13</sup> ROSA, 1988, p. 35.

No habitat do pai, o passado e o presente incorporados no ciclo das águas coexistem. E o futuro corre em direção ao mar. Lá o narrador espera concluir sua estória: “Mas, então, ao menos, que no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio”<sup>14</sup>. Como único membro da família a permanecer no lugar, cabe a ele, porém, dar continuidade à estrutura social e ao processo de leitura e tradução cultural:

A gente teve de se acostumar com aquilo. Às penas, que, com aquilo, a gente mesmo nunca se acostumou, em si, na verdade (...). Minha irmã se mudou, com o marido, para longe daqui. Meu irmão resolveu e se foi, para uma cidade. Os tempos mudavam, no devagar depressa dos tempos. Nossa mãe terminou indo também, de uma vez, residir com minha irmã, ela estava envelhecida. Eu fiquei aqui, de resto. Eu nunca podia querer me casar. Eu permaneci, com as bagagens da vida<sup>15</sup>.

Permanecer “com as bagagens da vida”, permitiu-lhe sobreviver como portador da cultura da margem (o social, o familiar) e do rio (o natural, o paterno), o que nos remete novamente a Vietler, para quem a idéia chave do evolucionismo cultural do século XX é a “adaptação” das culturas humanas aos seus respectivos ambientes, o que não significa

que a convivência e a sobrevivência sejam “melhores” ou “mais vantajosas” para os indivíduos. Pelo contrário, adaptar-se significou, em muitos casos, sobreviver por meio de numerosas concessões, por vezes com altos custos físicos e morais. Adaptar-se significa apenas “lograr sobreviver”, “não extinguir-se” como cultura humana ou grupo étnico<sup>16</sup>.

## A jangada

No romance *A jangada de pedra*, de José Saramago, ao se desprender do continente europeu, a Península Ibérica transforma-se em uma ilha que fica a navegar pelo Oceano Atlântico. Como o pai da

---

<sup>14</sup> Idem, p. 37.

<sup>15</sup> Idem, p. 34-35.

<sup>16</sup> VIERTLER, 1988, p.19.

“terceira margem”, a península vagueia à procura de sua história, do seu lugar no mundo. Para Benjamin Abdala, o romance de Saramago

presta-se para a discussão do caráter nacional português, em face de uma dupla solicitação: a recente integração na Comunidade Econômica Europeia (ao que tudo indica, como nação periférica) e a singularidade que leva o país a identificar-se, ao lado da Espanha, com suas ex-colônias<sup>17</sup>.

Conta o narrador que, “quando se tornou patente e insofismável que a Península Ibérica se tinha separado por completo da Europa”, instala-se o caos. Centenas de milhares de turistas europeus abandonam as terras lusas e castelhanas.

Nos aeroportos, os balcões das companhias aéreas eram investidos pela multidão excitada, uma babel furiosa de gestos e de gritos, tentavam-se e praticavam-se subornos nunca vistos para conseguir uma passagem, vendia-se tudo, comprava-se tudo (...) até que se deu o bloqueamento total. Já não se vendiam bilhetes, os aviões eram assaltados, uma ferocidade (...) De repente, tendo havido quem se lembrasse de que também pelos portos de mar se podia fugir, principiou outra corrida para a salvação (...) Quando chegavam aos portos iam à procura de batel ou canoa que os transportassem, ou, pelo melhor, uma traineira, um arrasto, um escaler, um veleiro, e desta maneira abandonavam os seus últimos haveres na terra maldita(...) <sup>18</sup>.

Como n’*A terceira margem do rio*, “sem alegria, nem cuidado”, a Península “decidiu um adeus” e se pôs à deriva, sobre as águas do Atlântico, fugindo à lógica e aos padrões geográficos.

O deslocamento espacial da península, que poderia ser entendido também como discursivo, associa-se à noção de “tradução cultural” que postula o crítico Hommi Bhaba, pensador da cultura no contexto pós-colonial. Conforme adverte Lynn Mário, Bhabha

tem como objeto de análise as culturas híbridas pós-coloniais, marcadas por história do deslocamento de espaços e origens, tanto no sentido da experiência da escravidão quanto no da experiência das diásporas migratórias das metrópoles para as colônias e das colônias para as metrópoles. Essas experiências de

---

<sup>17</sup> ABDALA JÚNIOR, 2003, p.68.

<sup>18</sup> SARAMAGO, 2003, p.38-39.

deslocamento trouxeram em sua esteira a aproximação e a justaposição de diferenças culturais, forçando a visibilidade do hibridismo cultural em culturas antes acostumadas a se ver e a ser vistas como monolíticas, estáveis e homogêneas<sup>19</sup>.

Dessa forma, acrescenta Lynn Mário, as narrativas legitimadoras da dominação cultural, ainda estruturadas numa lógica binária de centro e periferia, podem ser deslocadas para revelar o que Bhabha chama de “terceiro espaço”, em que convivem momentos diferentes do tempo histórico. Uma “transmutação de valores” que o contato entre culturas diferentes provoca<sup>20</sup>.

N’A *jangada de pedra*, a Península Ibérica se desprende do continente europeu, por misteriosas rachaduras cravadas nos Pirineus, rochas milenares que a uniam à Europa. Conforme o narrador,

Mãe Amorosa, a Europa afligiu-se com a sorte das suas terras extremas, a ocidente. Por toda a cordilheira pirenaica estalavam os granitos, multiplicavam-se as fendas, outras estradas apareceram cortadas, outros rios, regatos e torrentes mergulhavam a fundo, para o invisível (...) Não podia a força humana nada a favor duma cordilheira que se abria como uma romã, sem dor aparente, e apenas, quem somos nós para o saber, porque amadurecera e chegara o seu tempo<sup>21</sup>.

O deslocamento para o lado ocidental do Atlântico supõe um posicionamento estratégico: “por cima do muro”. Estar “meio-a-meio”, sobre as águas do Atlântico, numa imensa “jangada de pedra”, permite um olho lá (na Europa) e outro cá (na América). Permanecendo na “terceira margem”, no “terceiro espaço”, no lugar diferido, à deriva, o território ultramarino português se desliga de conceitos eurocêntricos e dos sistemas consolidados de “pureza e autenticidade”. Assim, usando expressões de Benjamin Abdala, “a atlanticidade, a ibericidade e a mediterraneidade”<sup>22</sup>, que marcaram a história de Portugal, se manifestam.

---

<sup>19</sup> SOUZA, 2004, p. 124.

<sup>20</sup> Idem, passim.

<sup>21</sup> SARAMAGO, 2003, p.31.

<sup>22</sup> ABDALA JÚNIOR, 2003, p. 69.



A viagem de Joana Carda, Pedro Orce, José Anaiço e Joaquim Sassa, personagens do romance, no automóvel “Dois Cavalos”, se desenvolve ao mesmo tempo em que a península se afasta do continente europeu. Um duplo exercício de autoconhecimento e de releitura da história. Conforme Benjamin Abdala:

Esse deslocamento temporal operado pelo jogo artístico não traz imagens literárias à deriva, mas imagens-ação que aportam no presente da escrita literária, impulsionando-a por “mares nunca dantes navegados”. São imagens-ação políticas que motivam uma nova épica, agora social, num movimento dialético que é, ao mesmo tempo, partida e encontro<sup>23</sup>.

### **De canoa ou jangada**

Voltando para o plano social e da relação familiar, desestabilizada pela atitude do pai, em *A terceira margem do rio*, percebe-se que um aceso debate se instala entre os parentes, vizinhos e conhecidos que “se reuniram, para tomarem juntamente conselho”:

Nossa mãe, vergonhosa, se portou com muita cordura; por isso, todos pensaram de nosso pai a razão em que não queriam falar:doideira.Só uns achavam o entanto de poder também ser pagamento de promessa; ou que, nosso pai, quem sabe, por escrúpulo de estar com alguma feia doença, que seja, a lepra, se desertava para outra sina de existir perto e longe de sua família dele (...) Então, pois nossa mãe e os aparentados nossos, assentaram: que o mantimento que tivesse, ocultado na canoa, se gastava; e, ele, ou desembarcava e viajava s'embora, para jamais, o que ao menos se condizia mais correto, ou se arrependia, por uma vez, para casa<sup>24</sup>.

Da mesma forma, no romance de Saramago várias discussões se instalam entre os membros da Comunidade Económica Europeia, que “chegaram ao ponto de insinuar que se a península Ibérica se queria ir embora, então que fosse, o erro foi tê-la deixado entrar”. Conta o narrador:

---

<sup>23</sup> Idem, p.70.

<sup>24</sup> ROSA, 1988, p.33.

Também tinha sido pedida à Organização do Tratado do Atlântico Norte uma declaração de solidariedade atlantista, mas a resposta, não sendo embora negativa, veio a resumir-se numa frase impublicável, *Wait and see*, o que, aliás, não exprimia nenhuma inteira verdade, pelo sim, pelo não, haviam sido postas em estado de alerta as bases de Beja, Rota, Gibraltar, El Ferrol, Torrejón de Ardoz, Cartagena, San Jurjo de Valenzuela, para não falar de instalações menores<sup>25</sup>.

Retornando à questão da adaptação, percebe-se, também, que o ambiente de transparência e fluidez das águas é a saída metafórica do “lograr sobreviver”, do “não extinguir-se como cultura humana ou grupo étnico”. Segundo o narrador de Saramago:

Uma pessoa habitua-se a tudo, os povos ainda com mais facilidade e rapidez, afinal é como se agora viajássemos num imenso barco, tão grande que até seria possível viver nele o resto da vida sem lhe ver proa ou popa, barco não era a península quando ainda estava agarrada à Europa e já muito era a gente que de terras só conhecia aquela em que nascera, digam-me então, por favor, onde está a diferença<sup>26</sup>.

Por sua vez, o narrador de Rosa confessa: “Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais (...) A gente teve de se acostumar com aquilo”<sup>27</sup>.

Os fatos sociais, portanto, nas duas narrativas estão ligados a forças naturais. Nesse caso, a lógica das transformações socioculturais pode ser apreendida pela ecologia cultural que se apropria de evidências fornecidas por outras disciplinas como a paleontologia, a arqueologia e a história. Numa leitura menos científica, diríamos que a procura de um novo ambiente, de uma “terceira margem” é profundamente humana, embora indecifrável pela estrutura social. Com relação ao deslocamento da Península Ibérica:

---

<sup>25</sup> SARAMAGO, 2003, p. 43.

<sup>26</sup> Idem, p. 131.

<sup>27</sup> ROSA, 1988, p. 33-34.

Saber como e porquê se tinham rachado os Pirinéus era ideia de que já se desistira, esperança em poucos dias perdida. Apesar da enorme quantidade de informação acumulada, os computadores, friamente, pediam novos dados ou davam respostas disparatadas, como foi o caso do célebre Instituto Tecnológico de Massachusetts, onde os programadores coraram de vergonha ao receberem nos terminais a sentença peremptória, Demasiada Exposição Ao Sol, imagine-se<sup>28</sup>.

Imagine-se, então, N' *A terceira margem do rio*, quantas conjeturas foram formuladas para explicar o deslocamento do pai, algumas recolhidas pelo narrador:

Nosso pai carecia de mim, eu sei \_ na vagação, no rio no ermo \_ sem dar razão de seu feito. Seja que, quando eu quis mesmo saber, e firme indaguei, me diz-que-disseram: que constava que nosso pai, alguma vez, tivesse revelado a explicação, ao homem que para ele aprontara a canoa. Mas, agora, esse homem já tinha morrido, ninguém soubesse, fizesse recordação, de nada mais. Só as falsas conversas, sem senso, como por ocasião, no começo, na vinda das primeiras cheias do rio, com chuvas que não estiavam, todos temeram o fim-do-mundo, diziam: que nosso pai fosse o avisado que nem Noé, que, por tanto, a canoa ele tinha antecipado; pois agora me entrelembro<sup>29</sup>.

Próxima ao fim, a narrativa de Guimarães Rosa ganha novo impulso com a recusa do filho em ocupar o lugar do pai. Conforme Marli Fantini, embora pareça contraditório, é o gesto de rejeição que “sanciona ao narrador o acesso às terceiras margens: águas das palavras, por cuja fluidez lhe é dado atravessar a bruteza do real e se inscrever nas margens do simbólico”<sup>30</sup>.

Por seu lado, N' *A jangada de pedra*, para fugir dos centros hegemônicos europeus e norte-americanos, a Península Ibérica passa a girar sobre si mesmo em “movimentos misteriosos” que, para Benjamin Abdala, “escapam ao racionalismo tecnocrático de curto horizonte”<sup>31</sup>. Como no calidoscópio, numa combinação ampla de círculos nacionais,

---

<sup>28</sup> SARAMAGO, 2003, p.127.

<sup>29</sup> ROSA, 1988, p.35-36.

<sup>30</sup> FANTINI, 2003, p.72.

<sup>31</sup> ABDALA JÚNIOR, 2003, p. 72.

na medida em que se aproxima de suas ex-colônias, a península aporta a comunidade cultural ibero-afro-americana.

Esses jogos criativos, presentes ao longo da narrativa, tanto de Rosa quanto de Saramago, conformam um espaço de reflexão de amplo espectro. Segundo Derrida, "o jogo compreendido sob a categoria inocente e inofensiva do divertido (...) ganha sentido e trabalha a serviço do sério, da verdade, da ontologia. Assim que chega ao ser e à linguagem, o jogo se desfaz como tal" <sup>32</sup>.

Para finalizar, recorremos, mais uma vez, a Benjamin Abdala, quando preconiza que o comparatismo da ordem da solidariedade deve levar a uma circulação mais intensa de nossos repertórios culturais. Nesse sentido, *A jangada de pedra* e *A terceira margem do rio* são convites para outras viagens, de canoa ou jangada, pelas águas da ficção de Guimarães Rosa e Saramago em busca de outras margens.

#### Referências bibliográficas:

- ABDALA JÚNIOR, Benjamin. *De vôos e ilhas. Literatura e comunitarismos*. São Paulo: Ateliê, 2003.
- BÌBLIA SAGRADA. Encyclopaedia Britannica Publishers, 1972.
- DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- FANTINI, Marli. *Guimarães Rosa: fronteiras, margens e passagens*. São Paulo: Ateliê, 2003.
- LEONEL, Mauro. *A morte social dos rios*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. 47ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- SARAMAGO, José. *A jangada de pedra*. São Paulo: Schwarcz, 2003.
- SOUZA, Lynn Mário T Menezes. Hibridismo e tradução cultural em Bhabha. In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin (org.). *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas*. São Paulo: Boitempo, 2004. Pg. 113-133.
- VIERTLER, Renate Brigitte. *Ecologia cultural: uma antropologia da mudança*. São Paulo: Ática, 1988.

---

<sup>32</sup> DERRIDA, 1997, p. 111.